

PACK DE SOBREVIVÊNCIA



GBU

ESTE PACK CONTÉM

- 1 BREVE INTRODUÇÃO sobre o cristão e a cultura
- 7 RECOMENDAÇÕES de conteúdo online sobre o tema
- 2 LIGAÇÕES para métodos de análise cultural
- 1 EXEMPLO de estudo bíblico-cultural
- 2 EXEMPLOS de análise de filmes
- N SUGESTÕES de filmes e músicas para análise
- 1 LISTA de livros para aprofundar o tema da fé e cultura

Recurso formativo do GBU preparado por ocasião do Fórum de Formação 2026 sobre Fé e Cultura.

Concebido e coordenado por David Raimundo.

Com colaboração de Débora Campos Resina, Isabel Reinaldo, Manuel Rainho, Ruben Chama.

Impressão por Samuel Loa-Ferreira.

© Grupo Bíblico Universitário, 2026

O cristão e a cultura - uma breve introdução

Produzir cultura (música, teatro, pintura e artefactos, etc.) é uma atividade alinhada com a vocação do ser humano de acordo com a Bíblia, uma atividade que, numa perspetiva de teologia bíblica, podemos englobar no chamado “mandato cultural” que o Criador dá ao homem e à mulher em Génesis 1:26-28. A vocação original do ser humano consiste em gerir a criação e as restantes criaturas de acordo com o bom propósito do Criador. É uma vocação exercida por um ser criado “à imagem e semelhança de Deus”, ou seja, em particular, um ser criado com aptidão criativa, capacidade artística, arte e engenho; de algum modo, mesmo que limitado e parcial, esta criatividade reflete a criatividade do próprio Deus. Mas, tal como tudo o mais que diz respeito à vida humana, a produção cultural foi também afetada pela Queda, pelo pecado, pela rebeldia, pela trágica desconexão entre criatura e Criador.

É por isso que, quando olhamos para a cultura produzida à nossa volta, intensamente consumida pelos nossos amigos e colegas, detetamos elementos bons e louváveis e também elementos nefastos e controversos (lembra-se da cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos em 2024?). A cultura e a arte que podem apontar para o belo, o bom, o verdadeiro, servem por vezes o propósito oposto, desconstruindo, provocando e corrompendo sem qualquer fim benigno em vista. Talvez por isso, muitos cristãos tendem a detetar apenas elementos perniciosos na cultura atual e rejeitam-na por inteiro sem desenvolverem a capacidade de discernir aquilo que pode ser afirmado nessa cultura e aquilo que pode ser redimido pela atividade cultural dos próprios cristãos.

Quando só conseguimos ver o lado negativo da cultura e da arte seculares, surge a tentação de nos isolarmos, criando os nossos guetos cristãos e a nossa subcultura evangélica desconectada da restante atividade cultural da nossa sociedade. Gera-se um fosso entre o mundo e a igreja, entre a cultura secular e a cultura *gospel*. Ora sabemos que os cristãos não são do mundo, mas estão no mundo e é aqui, neste mundo complexo e conflituoso, que somos chamados a ser sal e luz em todas as áreas, incluindo na cultura e na arte! Como?

➡ Criticando quando a crítica é necessária.

PACK DE SOBREVIVÊNCIA CULTURAL

- ➡ Denunciando quando a cultura toma formas que contribuem para diminuir ou escravizar o nosso semelhante.
- ➡ Utilizando elementos culturais como ponte para sinalizar ou ilustrar aspetos do evangelho.
- ➡ Aplaudindo quando ela nos traz revelação que é congruente com o caráter e o plano de Deus (aquilo a que alguns teólogos chamam de efeitos da graça comum).
- ➡ Produzindo quando o Criador te dá a criatividade para criares algum elemento cultural que comunique algo construtivo no contexto social em que estás inserido.

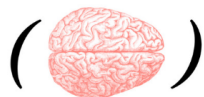
No GBU queremos aprender a dialogar de forma crítica com a arte e a cultura e ser também artesãos e artistas que colocam a criatividade ao serviço do projeto de reconciliação de todas as coisas. Há diversas formas de enquadrar a abordagem que os cristãos podem ter à cultura secular — e este livreto oferece bastante material nesse sentido, em particular os dois métodos práticos de análise cultural a que poderás aceder via QR Code mais adiante.

Uma forma de enquadrar teologicamente a abordagem cristã ao binómio fé/cultura consiste em começar por reafirmar que Jesus veio cumprir plenamente e perfeitamente os papéis de profeta, sacerdote e Rei prefigurados na narrativa do Antigo Testamento. Enquanto profeta, Jesus proclama verdade, crítica o erro, corrige o engano, por amor ao mundo. Enquanto sacerdote, Jesus representa-nos diante do Pai. Enquanto Rei, Jesus governa e lidera. De algum modo, o Novo Testamento afirma que os cristãos, enquanto embaixadores de Jesus, também são chamados a uma vocação profética, sacerdotal e real (Atos 2:17; 1 Pedro 2:9), por meio da qual apontamos para Cristo em tudo e submetemos a Cristo tudo (1 Coríntios 15:28, 2 Coríntios 10:5). Na vertente profética, somos chamados a reconhecer e denunciar o fosso que tantas vezes existe entre a cultura e o belo, o bom, a verdade, convidando a cultura ao arrependimento. Na vertente sacerdotal somos livres para afirmar, diante do Criador e das criaturas, tudo aquilo que é benigno na cultura, todo o traço de verdade, de graça, de justiça que nela encontramos. Na vertente real somos convidados pelo Rei para liderar e governar o “fazer cultura”, para criar, no fundo, mas sempre em consonância com a *praxis* de Jesus, ou seja, liderar pelo serviço, em mansidão, graça, vulnerabilidade e generosidade.¹

¹ Este enquadramento, que nos dá um profundo sentido de vocação cristã, foi-nos sugerido por Jonathan R. Wilson e está desenvolvido no seu livro *God So Loved the World: A Christology for Disciples* (Baker Academic, 2001).

Conteúdo online – recomendações

Razoável



um podcast do GBU sobre
apologética

com Henrique Guerreiro



Neste podcast do GBU podes escutar uma série de 3 episódios sobre “cosmovisão”. Toda a gente vê o mundo a partir de pressupostos prévios, uma “estrutura de plausibilidade” que gera em todos nós (crentes ou descrentes) certos axiomas, expectativas, suposições. Esta forma de ver o mundo é aquilo a que chamamos de mundividência ou cosmovisão. Funciona como lentes que dificilmente conseguimos tirar (muitas vezes, tirar essas lentes é precisamente o que designamos de “conversão”). Em cada elemento cultural que observamos, cada filme ou série que vemos, cada música que ouvimos, ali transparece de algum modo a cosmovisão do autor. E muitas vezes essa cosmovisão tem pontos de interseção com a cosmovisão que somos chamados a desenvolver enquanto cristãos que vêem o mundo como Deus o vê, mas tem também elementos que não encaixam de todo nessa cosmovisão cristã e que podem até ser antagónicos à mesma.

No instagram: estas contas partilham com regularidade excelente análise e/ou produção cultural a partir de uma perspetiva cristã:



/feitoprisma



/tato_media_



/stemastudio

Websites: sobre fé e arte/cultura

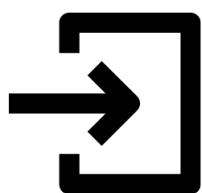
Arts & Faith | <https://artsandfaith.com/>

Image Journal | <https://imagejournal.org/>

Relevante Magazine | <https://relevantmagazine.com/culture/>

Dois Métodos de Análise Cultural

Então decidiste começar a ver aquela série intrigante de que toda a gente está a falar e queres analisá-la a partir de uma matriz bíblica, mas não sabes por onde começar? Tens ouvido imenso aquela banda que está no top do Spotify e não sabes o que pensar das suas letras ambíguas? Causa-te perplexidade o modo como elas apresentam a condição humana e queres um filtro mais teológico para processar estas músicas? Talvez estes métodos te possam ajudar. São dois métodos que cumprem um propósito idêntico de estipular alguns princípios e perguntas para refletirmos acerca daquilo que vemos ou ouvimos a partir de uma forma de ver o mundo cristã—ou seja, a partir das Escrituras. Podes usar ambos os métodos ou escolher aquele que melhor se adapta a ti e à obra que queres analisar.



ENTRAR



EXPLORAR



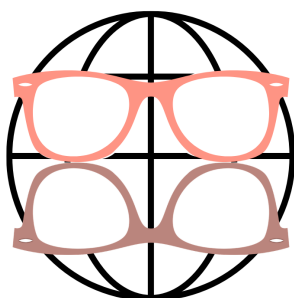
EXPOR



EVANGELIZAR

O Método dos 4 E's

**O Método de
Análise e
Comparação de
Cosmovisões**



[Consulta aqui os métodos detalhados](#)



Estudo Bíblico-Cultural

- Um Exemplo

Este guião é adaptado de “The Schindler’s List - Movie-Based Discussion Guide - Leader’s Guide”, © Christianity Today International, 2016.



A Lista de Schindler é um dos grandes clássicos do cinema do século XX, um filme extremamente gráfico, extremamente chocante, que retrata o holocausto (genocídio dos judeus por parte do regime Nazi liderado por Adolf Hitler) em estilo quase de documentário. O filme revela a profundidade da maldade humana numa página negra na história recente do mundo Ocidental. É um filme muito perturbador, porque essa história também o foi! E merece ser visto como testemunho dos factos do passado que não devem ser esquecidos e que continuam hoje a carecer de reflexão, depois de tantas décadas. Como foi possível?... Mas é um filme não recomendado a menores de idade e desaconselhado a pessoas mais impressionáveis.

Sumário : Oskar Schindler (Liam Neeson) é um oportunista, e a Segunda Guerra Mundial ofereceu-lhe uma grande oportunidade para enriquecer. Assume o controlo de uma fábrica de artigos de esmalte abandonada em Cracóvia, na Polónia. Como não percebe de fabrico de louça, contrata um contabilista judeu chamado Itzhak Stern (Ben Kingsley) para gerir o negócio. Emprega judeus porque pode pagar-lhes salários mínimos. Paralelamente, como membro do partido Nazi, Schindler conquista a simpatia da elite Nazi para fazer crescer os seus negócios. Alta procura com baixos custos resultam em grande lucro, e, assim, Schindler faz fortuna. Mas ele não é cego às atrocidades da guerra que o rodeiam. Assiste ao massacre de homens, mulheres e crianças quando o gueto judeu em Cracóvia é "limpo". Interage com o sádico Amon Goeth (Ralph Fiennes), que se diverte com os seus prisioneiros no campo de concentração próximo, em Plaszow. Aos poucos, Schindler deixa de empregar judeus para seu próprio lucro e passa a empregá-los como forma de os proteger do perigo Nazi. No final da guerra, gastou a sua fortuna empregando mais de 1.100 judeus e subornando as autoridades alemãs para que fizessem vista grossa. No final, este antigo oportunista não lamenta a perda das suas riquezas, mas sim o facto de não ter feito tudo o que podia para salvar mais vidas.

Perguntas Gerais

- Q1. Porque é que achas que o filme foi realizado em preto e branco? O que é que o filme ganharia ou perderia se fosse a cores? Porquê?
- Q2. O epílogo do filme retrata 128 dos “judeus de Schindler” ainda vivos, bem como Emilie Schindler, a visitar o local de sepultamento de Schindler. Porquê? O que é que esta cena pretende transmitir? Foi uma cena importante? De que modo é que o filme seria diferente sem esta cena final?
- Q3. Que grandes temas é que encontraste neste filme?
- Q4. Como é que este filme afetou a tua fé, a tua capacidade de ver a verdade numa nova perspetiva, ou até mesmo como é que te convenceu de algo novo?

Perguntas Temáticas - Apresentamos em seguida 3 estudos temáticos que integram a análise de momentos do filme com textos bíblicos, apontando as congruências entre o filme e a revelação da Bíblia sobre a natureza humana o plano de Deus para a salvação do mundo, bem como os aspetos em que o exemplo de Cristo e o testemunho da Bíblia vão ainda mais longe do que aquilo que o filme apresenta, dando as respostas que o filme não chega a dar...

Tema 1 - O Mal - Rever excerto do filme entre 00:56:56 e 01:13:12.

Aviso: Este excerto contém violência e obscenidades extremamente explícitas. Os Nazis começam a liquidar o gueto de Cracóvia. Este é apenas o início das atrocidades que sabemos que vão sofrer, mas já nos dá náuseas. Enquanto decorre a liquidação do gueto, milhares de soldados alemães armados correm pelas ruas de Cracóvia, retirando aleatoriamente judeus das suas casas para os matar, invadir as suas residências e roubar os seus pertences. Os judeus sobreviventes são enviados para campos de concentração, onde enfrentam um sofrimento e uma morte horrendos.



Q1. Como é que o mal é retratado neste filme? Quem eram os perpetradores do mal?

Q2. Como é que te sentiste ao ver o mal retratado neste filme?

Q3. Porque é que a rapariga surge com um casaco vermelho?

Nota para líderes: pode ser difícil processarmos mentalmente o mal quando ele nos chega por meio de estatísticas e uma massa humana sem rosto, mas o foco numa pessoa específica leva-nos, a nós e ao próprio Schindler, a ficar comovidos.

Q4. O que é que significa ser mau? O que é que torna uma palavra ou um ato em algo mau?

Q5. Mais ou menos a meio do filme, o Schindler diz ao Stern, “a guerra faz sobressair o pior das pessoas”. O que é que esta citação sugere? Será que as pessoas são intrinsecamente boas ou más?

Lê Marcos 7:20-23 e Romanos 3:9-18, 8:7-8.

Q6. O que é que Deus diz acerca do coração humano — é intrinsecamente bom ou mau?

Lê João 3:16-18.

Q7. Há algum pecado tão imenso que Deus não possa perdoar? Será que Cristo morreu até por aqueles que são tão malvados quanto Amon Goeth, o comandante do campo de concentração em Plaszow? Como é que essa possibilidade te faz sentir?

Lê Mateus 5:38-48

Q8. Há algum mal que seja tão imenso que tu não possas perdoar? Poderias tu perdoar Amon Goeth se ele tivesse matado alguém que amavas? Porquê ou porque não?

Q9. Como é que Cristo nos exorta nestes versículos a responder ao mal?

Tema 2 - Heroísmo - Rever excerto do filme entre 01:31:56 e 01:38:30.

Aviso: este excerto contém violência explícita. Tal como o regime nazi representa o mal, aqueles que se lhe opõem representam o bem. Quando observamos Oskar Schindler a ir além das suas preocupações monetárias para se preocupar com as pessoas, torcemos por ele. Oskar monta uma fábrica inicialmente apenas com fins lucrativos. Vê os judeus como mão-de-obra barata e treina-os para fazer painéis e frigideiras na sua fábrica. Como isso os mantém fora dos campos de concentração, os trabalhadores judeus estão gratos a Oskar pelos seus empregos. Mais tarde, a expensas próprias e por sua conta e risco, Schindler passa a ser intencional ao tornar a sua fábrica num refúgio seguro para os judeus que ali trabalham.

Q1. O que é um herói? O que é que uma pessoa tem de fazer para ser herói? Que características deve ter essa pessoa?

Q2. Oskar Schindler foi um herói? Porquê ou porque não?

Schindler não era um santo. Na realidade, o filme exhibe de forma franca a sua habitual infidelidade para com a esposa, que ele até acabou por abandonar dez anos após a guerra.

Q3. Será que Schindler pode ser justificadamente apelidado de herói quando ele cometeu estes pecados tão lamentáveis? Porquê ou porque não?

Q4. Será que o bom pesa mais do que o mau? Será que as ações de Schindler que permitiram salvar 1100 vidas compensam os seus muitos atos de adultério? Porquê ou porque não?

Lê 1 Pedro 1:14–16.

Q5. Quais são os padrões de Deus para o heroísmo? O que é que ele pede das pessoas para que elas sejam consideradas boas?

Q6. Os padrões de Deus podem ser alcançados pelos teus próprios métodos e esforços? Será que podemos ser suficientemente bons para ser declarados “bons” por Ele mesmo? Porquê ou porque não?

Lê Efésios 2:1–10.

Q7. Então, no fim de contas, como é que nos tornamos bons?

No início do filme, Schindler contrata judeus apenas como mão-de-obra barata, e Stern é quem seleciona heroicamente os seus companheiros judeus — chegando mesmo a falsificar documentos — para os salvar. Aliás, quase a meio do filme, Schindler repreende Stern por isso, dizendo-lhe que abrigar judeus é perigoso para ele.

Q8. Porque é que Schindler se tornou heróico? Que influências é que o levaram a começar a salvar judeus de forma intencional?

Q9. Uma coisa é ajudar alguém quando isso nos é conveniente, outra coisa é quando isso envolve sacrifício. Porque é que Schindler gastou a sua fortuna—deixando-se cair na pobreza—para proteger as vidas dos outros? O que é que o motivou a fazer isso? Ganhou alguma coisa com isso?

O arquétipo de herói em última instância é o próprio Jesus Cristo. Todos os outros heróis se parecem em parte com ele, mas nunca de forma total e absoluta.

Lê João 10:14–18.

Q10. Como é que Jesus difere de todos os outros heróis? O que é que o torna em alguém completamente à parte? Qual foi a sua motivação para ajudar, curar e salvar pessoas?

Tema 3 - Salvação - Rever excerto do filme entre 00:39:16 e 00:44:13.

Aviso: este excerto contém linguagem explícita e uma cena com violência explícita. Stern leva um maquinista maneta ao escritório de Schindler para lhe agradecer o trabalho. O maquinista diz a Schindler: "Deus o abençoe, senhor. O senhor é um bom homem". Ao sair do escritório, diz a Stern: "Ele salvou-me a vida".

Q1. Será que a salvação que Schindler proporcionou a este homem foi permanente? A sua vida foi poupada do perigo para sempre? O que é que aconteceu a este homem pouco depois?

Nota para o líder: foi assassinado.

Q2. Não é verdade que cada uma das pessoas que Schindler salvou acabou por morrer? Porquê então salvá-las?

Lê Romanos 8:31–39.

Q3. A salvação daqueles que acreditam em Cristo é temporária ou permanente?

O anel que os judeus deram a Schindler tinha uma inscrição com um provérbio do Talmude (uma coleção de escritos judaicos): "Aquele que salva uma vida, salva o mundo inteiro".

Q4. O que é que achas que este provérbio significa?

Q5. Será que Schindler salvou o mundo inteiro?

Q6. Será que este provérbio descreve de uma forma adequada aquilo que Cristo fez para salvar o mundo? Porquê ou porque não?

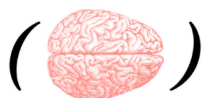
Lê João 3:16 e 1 Pedro 3:18.

Q7. Qual é a diferença entre o que Cristo fez e o que Schindler fez? Qual dos sacrifícios foi mais custoso? Qual das salvações proporcionadas foi mais efetiva? Que salvação está disponível para todas as pessoas?



Análise de Filmes – Exemplos

Razoável



um podcast do GBU sobre
apologética
com Henrique Guerreiro



Podes ouvir um episódio “live” do podcast Razoavelmente dedicado à análise do filme The Batman.

Breve Análise ao Filme “Conclave”

O Papa morreu. É tempo de reunir o conclave. Este é o mote do filme “Conclave” e, coincidentemente, foi isto que aconteceu também na história não-ficcionada da sociedade presente. O filme “Conclave” foi realizado por Edward Berger, saiu em 2024, e foi nomeado ao Óscar para melhor filme. Está classificado no género de drama, mistério, thriller e alguns críticos vão mais longe e dizem que “Conclave” é um thriller político.. E nós vamos tentar perceber porquê.



(..)

O filme apresenta personagens (cardeais) que possuem visões muito distintas entre si daquilo em que acreditam e que consideram ser o melhor para o futuro da Igreja. São exatamente esses cardeais que se destacam com um número maior de votos durante o conclave. Percebemos que há entre os cardeais uma grande divisão ideológica: de um lado os conservadores, do outro os liberais (semelhanças com a realidade poderão não ser mera coincidência..). Mas o mais interessante é que dentro deste dois lados da barricada há sensibilidades diferentes e, ao longo do filme, vamos vendo o desenrolar de posturas e atitudes daqueles que lutam pela sua agenda ideológica a todo o custo e daqueles que,

apesar de terem um posição ideológica definida, lutam internamente para que o seu sentido ético não seja colocado em causa.

(..)

E nós, onde nos encaixamos? Como gerimos esta tensão entre ideologia e ética nas nossas próprias vidas? Como cristãos, temos obviamente uma perspetiva daquilo que achamos que é o melhor para a sociedade, ou seja, temos uma ideologia. Mas se fossemos um cardeal neste conclave e se víssemos que a ala com a qual nos identificamos estava na iminência de sair derrotada, qual seria a nossa postura? Se calhar para alguns de nós a resposta pode parecer óbvia. Mas afinal estes cardeais também são homens de fé, estando até nas patentes mais altas das suas carreiras religiosas; não deveria ser óbvio para eles também? Às tantas, eles desculpam-se deste modo: “Nós somos mortais. Nós servimos um ideal, [mas] não podemos ser sempre ideais”. Esta frase surge no filme como justificação de uma decisão derrotista e pouco ética. Mas a frase contém uma verdade óbvia: de facto, nós servimos um ideal, que é Deus, que é 100% bom, ao contrário dos nossos corações que são muitas vezes tentados e muitas vezes infelizes nas decisões tomadas. Mas sermos meros mortais não pode ser desculpa para justificar ações menos ortodoxas por acharmos que essa é a única opção que temos para alcançar um determinado fim. Na nossa caminhada cristã, a ideologia não pode sacrificar a ética; pelo contrário, a ética é parte integrante do ideal cristão! Atrevo-me a afirmar que nunca há uma só opção por onde seguir, temos sempre escolha e Deus ensina-nos, através da sua Palavra, como devemos agir e decidir de acordo com o seu ideal (Provérbios 3:5-6; Tiago 1:5).

O filme “Conclave” é um filme rico em camadas temáticas e muito atual na tensão social e política que retrata. Desafiamos-te a ver este filme (e muitos outros) com um olhar crítico e a fazer uma leitura da sociedade e da natureza humana ali retratada, pensando qual a perspetiva bíblica sobre os temas abordados.²

² Análise pela assessora Débora Campos Resina, disponível na íntegra em www.gbu.pt/blog

Filmes & Músicas

Mesmo Bons p/ Análise*

Recentemente nos Óscares:



Everything, Everywhere, All at Once - este filme é uma epopeia caótica, desorientadora, mas por vezes divertida e comovente, que mostra a saga da protagonista Evelyn Wang a tentar salvar o multiverso da derrocada para o niilismo absoluto. No meio do caos e da complexidade do argumento, o filme coloca questões profundas sobre o sentido da vida e a protagonista na sua missão é levada a exemplificar amor sacrificial.

Parasite - um intenso drama familiar que chega a revoltar as entranhas pela forma como expõe a desigualdade entre classes sociais e a tendência predatória de uma classe para com a outra; desnuda a miséria da condição humana, não permitindo que pensemos em “bons” vs “maus”—todos falham, todos caem, neste drama trágico. E quanto ao espectador (tu e eu) o que dizer?

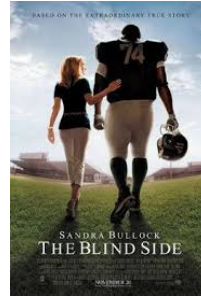
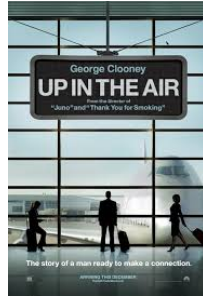
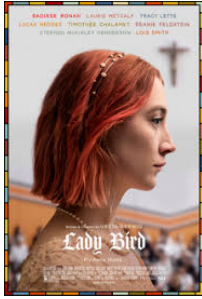
Joker - um exemplo de um estilo de narrativa caracterizada por um herói com ímpeto justicista ou mesmo traços Nietzscheanos (abandonando por completo qualquer senso de moralidade e agindo com base nos seus instintos de poder). No caso do Joker este ímpeto minguou e leva-o ao desespero. O retrato de um mundo sem redenção e de um ser sem esperança...

Oppenheimer - reconta a história de vida do físico tido como o “Pai da bomba atômica” e foca, em particular, os dilemas e remorsos originados pelo uso da bomba em Hiroshima e Nagasaki. Um filme sobre a relação de um homem (mas também *do Homem*) com a história, com os efeitos tantas vezes destrutivos do alegado progresso na ciência e na tecnologia.

Dune - este insere-se na categoria de odisseia espacial, pois passa-se num futuro longínquo e acompanha a família nobre Atreides quando esta se vê envolta numa guerra no planeta Arrakis, distante e desértico; é também uma distopia (uma sociedade marcada por opressão, escassez, autoritarismo) e tem também um forte pendor messiânico, já que esta sociedade aguarda a chegada de uma figura salvadora, com poderes extraordinários, o tão esperado Kwisatz Haderach.

* Como é natural, o GBU não se revê em tudo ou em muito daquilo que é veiculado nos filmes, séries e músicas referidos neste livreto! Alguns destes elementos culturais contêm linguagem vil, imagens violentas ou obscenas e conteúdo sexual inadequado. Ocasionalmente podes ter de usar a opção *fast-forward*. Nalguns casos podes ter de discernir se deves ver ou ouvir aquele conteúdo de todo.

Pop ou Um Pouquinho + Leves



Lady Bird - por um lado um típico drama de adolescência/juventude que acompanha a protagonista Christine McPherson na fase de candidatura à universidade em que anseia por sair da sua cidade e por se libertar do controlo da sua mãe; mas os diálogos e a narrativa têm densidade, tocam no âmago de emoções e desejos humanos relacionados com a fé, o sentido de pertença e de identidade...

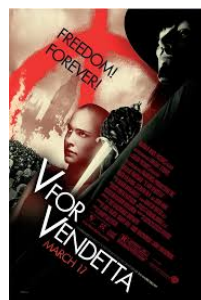
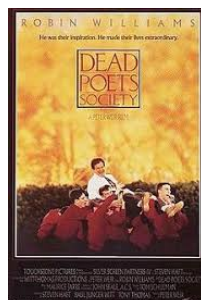
Barbie - o mundo fantástico das Barbies e dos Kens ganha vida no nosso mundo real e isso origina uma história por vezes hilariante, outras vezes bizarra, que intersecta temas como a relação criador/criaturas, a vocação humana, a mortalidade humana, o ativismo contra sistemas injustos, para além, claro, das questões relacionadas com a dualidade homem/mulher.

Up in the Air - neste comédia dramática, George Clooney é Ryan Bingham, um especialista em Recursos Humanos na vertente de despedimentos que passa a vida a viajar de cidade em cidade para executar *layoffs*. O interesse da história reside na atitude descomprometida do protagonista, um adulto sem escrúpulos em viver como quer não prestando contas a ninguém, e nos dissabores que essa atitude lhe causa na vida amorosa, familiar, e mesmo profissional.

The Blind Side - retrata a história de Michael Oher, um profissional de futebol americano que ultrapassou uma infância difícil para chegar ao estrelato. Em particular retrata a adoção de Oher por parte de uma família abastada quando Michael tem já 17 anos de idade. Trata-se de um filme com elementos profundamente "cristãos" sem ser um filme cristão.

The Truman Show - Truman Burbank vive num reality show do qual é o protagonista central—mas ele não sabe disso! O filme mostra a reação de Burbank à medida que suspeita que algo não bate certo na sua vida... O drama suscita assim questões como: será que aquilo que pensamos que é a realidade é de facto real? Em que medida somos marionetas nas mãos de um realizador externo? O que é que significa de facto ser livre?

Os Clássicos



O Senhor dos Anéis - a saga de J. R. R. Tolkien em livro e em filme marcou gerações anteriores pela riqueza e o fascínio do universo fantástico que o autor criou; esta saga continua a ser muito apreciada porque as histórias desse mundo fantástico contêm o apelo de fenômenos que nos são familiares: a luta entre o bem e o mal, o efeito contagioso da corrupção simbolizada pelo anel de poder, a revelação do caráter virtuoso ou nebuloso em situações de tensão e conflito, o valor da amizade e da honra, etc.

Matrix - tomas o comprimido vermelho da verdade dolorosa ou o comprimido azul da ignorância feliz? O filme coloca os espectadores perante esta escolha complexa, mas Neo, o protagonista, não hesita. Ele quer saber a verdade sobre a realidade e acaba a descobrir que vive (que vivemos) numa simulação de universo. A possibilidade de redenção dessa realidade distópica acaba por cair sobre os ombros de Neo que assume assim contornos de uma figura messiânica naquele contexto.

O Clube dos Poetas Mortos - a Welton Academy é um colégio interno caracterizado por uma cultura de exigência e rigidez; mas, para espanto e delírio dos alunos, essa cultura é desafiada quando chega o novo professor de literatura John Keating que incentiva os alunos à liberdade (levando-os a desafiar as figuras de autoridade), à imaginação (levando-os à arte) e a aproveitarem bem a vida (*carpe diem*). Contudo, nessa cultura desconstruída o desespero e a própria morte também são uma realidade...

V de Vingança - este filme que popularizou a máscara de Guy Fawkes retrata um mundo distópico e uma narrativa de vingança por parte de V, um acérrimo e violento defensor da liberdade anárquica. Procura expor o autoritarismo e vingar-se daqueles que o desfiguraram. Quer resgatar o mundo daquela tirania, mas a que preço? Será que V é um herói ou um crápula? Um messias ou um terrorista? Digno de nota e de análise é também o retrato da esfera religiosa neste mundo distópico.

Gran Torino - um veterano da Guerra na Coreia vive os seus anos de reforma melancólico, só e sem passar cartão a ninguém; é um homem fechado e racista até ao dia em que um adolescente asiático rouba o seu automóvel de estimação, um Gran Torino. Esse evento vai transformá-lo de formas surpreendentes. Trata-se de uma narrativa relativamente simples mas extremamente densa do ponto de vista psicológico e sociológico.

De Nicho



Uma Vida Escondida - do realizador Terrence Malick chega um drama que confronta a consciência do espectador de um modo profundamente desconcertante. O camponês austríaco Franz Jägerstätter vive o dilema de lutar ou não lutar pelos nazis na Segunda Guerra Mundial face à sua consciência cristã. Qual é o seu dever diante de Deus, diante dos homens e diante da sua família? E que consequências está disposto a sofrer na pele como resultado da sua decisão?

Este País Não É Para Velhos - uma espécie de Western, num enredo marcado pela crueza, a violência e o justicialismo que segue a saga de Ed Tom Bell, um xerife que persegue o assassino profissional Anton Chigurh. O drama coloca questões sobre a natureza do bem e do mal e sobre a objetividade da moral: será que o mundo é moralmente inteligível? Ou as decisões aparentemente morais não são mais do que sorte e azar, um mero “cara ou coroa”?

Calvary - um padre irlandês escuta uma confissão de uma vítima de abuso sexual que é, ao mesmo tempo, uma ameaça de morte: uma vez que o abusador já morreu, a vítima ameaça agora matar o padre inocente de modo a chamar a atenção. O drama retrata em paralelo o envolvimento do padre nos eventos e na vida das pessoas daquela comunidade e o dilema que ele vive ao lidar com aquela ameaça. Vêm à tona decisões e tensões do passado e a própria fé hesita no meio do turbilhão de emoções que o padre sente. Um drama sobre a dor e, em última instância, sobre a hipótese do perdão.

The Crucible - o retrato parcialmente histórico e parcialmente ficcional dos julgamentos das bruxas de Salém, uma página negra na história primitiva dos EUA. Trata-se de uma excelente ilustração do espírito legalista, condenatório e fanático que pode tomar conta de comunidades fundamentalistas quando a balança pende para o autoritarismo em vez da consciência individual, para o medo em vez da liberdade de pensamento e de ação, para distribuir culpa por tudo e todos em vez de presumir a inocência e a boa intenção do outro. (O truque para perceber a relevância deste filme no mundo contemporâneo para lá dos ambientes religiosos passa também por notar que as ideologias seculares também podem alimentar este tipo de fundamentalismo!)

Silence - reconta a missão dos padres jesuítas portugueses no Japão do século XVII que foi “acolhida” pelas autoridades locais com perseguição intensa, feroz, bastante cruel. Por isso, o ministério desses padres colocava-os diante de questões de vida ou morte, tendo a sua fé testada até ao limite no meio de circunstâncias duras e face ao aparente e paradoxal “silêncio” de Deus, sendo muitos forçados a optar entre o martírio e a apostasia.

"Eu nasci p'ra música!"

Então podes ouvi-la com ouvidos de ouvir! Escuta as letras que falam abertamente da condição humana, do nosso lado caído e tantas vezes escondido, como o *Lado lunar* na canção do Rui Veloso ou os *Demons* na canção dos Imagine Dragons. Repara nas letras que atribuem poder salvífico a algo ou alguém, por vezes de forma ambígua, um elemento presente em centenas de músicas, desde *Amar Pelos Dois* de Salvador Sobral, até *Halo* de Beyoncé. E aqueles poemas desconcertantes sobre a dor e a (aparente) falta de sentido da vida? Pesquisa, por exemplo, a canção *Alguém me ouviu?* da Mariza com o Boss AC ou a mais conhecida *What Was I Made For?* da Billie Eilish. Em sentido inverso, o que será que podemos subscrever nas canções que propõem celebrar a alegria da vida, como aquele pop-jazz do Jamie Cullum em *These are the Days* ou a versão épica da música *All Night Long* interpretada por Jacob Collier? Há ainda as músicas de intervenção, protesto, apelo à justiça social, sejam elas mais certas ou mais equivocadas. Por exemplo, o que dizer da recente *Feia* de Carolina Deslandes ou das mais antigas *Ira Para Quê?* de Euclides e *Wake Up Everybody* de John Legend e The Roots. Depois há canções que louvam explicitamente outros “deuses”, ainda que possam fazê-lo com toque de ironia, como a canção do artista Janeiro chamada *Deus Algoritmo...*

Eis mais alguns artistas e bandas que, estando longe de fazer música “cristã”, trazem frequentemente nas suas canções questões existenciais profundas com as quais os cristãos podem interagir. Afirmando o que é bom e frutífero nessas questões; discernindo os becos sem saída que os artistas sugerem; apontando para Cristo como aquele que completa, redime ou corrige a canção... Se calhar os teus amigos ouvem estas ou outras bandas e as letras podem suscitar brechas e conversas capazes de sondar o coração! Por vezes as músicas destes artistas são estranhas, impenetráveis, demasiado complexas nas referências ambíguas a Deus, ao bem, à graça, etc. Mas talvez também seja precisamente nessas músicas que os artistas vislumbram e tentam comunicar algo transcendente, ainda que, tal como tantas vezes sucede também connosco, eles vejam as coisas “como num espelho e de maneira confusa” (1 Coríntios 13:12).



Coldplay



Rosalía



U2



Florence + The Machine



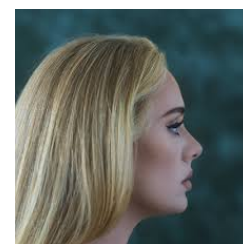
Imagine Dragons



Nick Cave



Mumford & Sons



Adele
(esp. o álbum 30)

Ah! Faltam as séries!

O famoso streaming! Mas para usar com moderação e evitar o *binging* que tanto mal faz aos planos, ao descanso, à mente e ao coração.. Eis algumas séries da última década que são propícias para análise filosófica/teológica.



Person of Interest - Harold Finch é um gênio informático peculiar e muito discreto que desenvolve um sistema de vigilância e informação (a Machine) para acudir pessoas em perigo iminente. Recruta um ex-CIA para o ajudar a salvar essas pessoas. A série segue este par na sua saga de vigilantes, bem como os desenvolvimentos tecnológicos que acabam por originar um conflito “bem vs mal” entre a Machine e um outro sistema de IA.

The Good Place - Eleanor viveu uma vida imoral mas, para sua grande surpresa, quando morre dá por si no paraíso e tenta esconder o seu passado de modo a permanecer ali. Esta série hilariante e provocadora retrata a vida de Eleanor no “Good Place”, juntamente com aqueles com quem ela trava ali relacionamento, recuando também a momentos da vida antes da morte. E as questões vão se adensando: qual é de facto o critério para ir para o paraíso ou ter um destino final menos bom? E será que este paraíso é mesmo paradisíaco?

Black Mirror - Em cada episódio uma história diferente mas num mesmo universo distópico, dominado por uma tecnologia que choca, oprime, diminui o sentido de humanidade e acarreta dilemas éticos e morais. O mundo distópico parece distante e irrelevante, mas o sucesso do argumento reside no facto de que é possível identificar pontos de convergência entre o nosso mundo e o mundo retratado na série. Por isso, os dilemas são também nossos!

Stranger Things - uma série que tem imensos ingredientes necessários para uma história épica: mistérios atrás de mistérios, criaturas sobrenaturais, uma luta do bem contra o mal, heróis dispostos ao sacrifício pessoal, o valor da amizade e lealdade, a ideia de uma figura salvífica... Mas que semelhanças e que diferenças existirão entre esta estória de salvação e a história de Jesus Cristo?

Westworld - retrata um parque de diversões onde os humanos podem interagir com robôs humanóides dando largas à sua crueldade e violência. Nesta narrativa, os criadores dos robôs e os gestores do parque são como deuses. Mas as suas criaturas pré-determinadas - os robôs - começam a dar sinais de adquirir muito lentamente livre arbítrio, consciência e moralidade. É no fundo uma série que, ao humanizar os robôs, desfazendo a fronteira entre humano e humanóide e levando a audiência a empatizar com as máquinas, interroga-nos de uma forma profunda (por vezes chocante e escandalosa) acerca do que é ser-se humano.

Bibliografia sobre Fé e Cultura

Andy Crouch, *Culture Making: Recovering Our Creative Calling*, InterVarsity Press, 2023.

Brian Godawa, *Hollywood Worldviews: Watching Films With Wisdom & Discernment*, InterVarsity Press, 2002.

Daniel Strange, *Conectados: Relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve*, Vida Nova, 2021.

Francis Schaeffer, *A arte e a Bíblia*, Ultimato, 2009.

Jeremy Begbie, *Beholding the Glory: Incarnation Through the Arts*, Baker Academic, 2000.

Hans Rookmaker, *A Arte Não Precisa de Justificativa*, Ultimato, 2010.

Hans Rookmaker, *O Dom Criativo*, Monergismo, 2017.

Madeleine L'Engle, *Walking on Water: Reflections on Faith and Art*, Convergent Books, 2016.

Makoto Fujimura, *Arte e Fé: Uma Teologia do Criar*, Thomas Nelson Brasil, 2022.

Makoto Fujimura, *Culture Care: Reconnecting with Beauty for Our Common Life*, InterVarsity Press, 2013.

Vários autores, *All that is Made: A Guide to Faith and Creative Life*, Alabaster Co. 2019.

GRUPO BÍBLICO UNIVERSITÁRIO

